

Brasília, Eixo Rodoviário Sul

Brasília e a Modernidade

> *"A todas essas riquezas oferecidas ao homem laborioso, nesse centro de planalto, juntam-se mais os recursos e a vantagem que lhe proporcionarão ainda abundantes águas piscosas. Entre os dois grandes chapadões conhecidos na localidade pelos nomes de Gama e Paranoá, existe uma imensa planície sujeita a ser coberta pelas águas da estação chuvosa: outrora era um lago devido à junção de diferentes cursos de água formando o Paranoá." Auguste Glaziou. Missão Cruls- 1894.*

O avanço científico e tecnológico que se inicia no Renascimento e que eclode com toda energia transformadora a partir da segunda metade do séc. XVIII, com o advento da máquina e o desenvolvimento das forças materiais e produtivas, determinam as condições para o desencadeamento de profundas e irreversíveis mudanças em todas as esferas e relações do homem: política, ambiental, econômica, social, religiosa e, sobretudo da individualidade. Criam as bases sobre as quais se assentará o projeto da modernidade e de seu *"locus*" privilegiado: as grandes cidades.

Modernidade que segundo Marschall Berman, em sua já clássica obra "Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar", *anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: neste sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia.* (Berman, 1986, p.15). Esta modernidade que anula fronteiras e une épocas e realidades distintas, no tempo e no espaço, é a que criou os elementos fundamentais a gênese de Brasília.

Perry Anderson, em sua resenha sobre "Tudo que é Sólido Desmancha no Ar", publicada na *New Left Review*, (nº 144, 1984), constata que a pretensão de Berman é de revelar a *dialética da modernização e do modernismo* (apud Berman). Entre os dois, afirma Anderson*, Berman situa a modernidade, nem processo econômico nem visão cultural, mas a experiência histórica, que faz a mediação entre um e outro. O que constituí a natureza do vínculo entre ambos? Para Berman, trata-se essencialmente, do desenvolvimento.* A concepção paradoxal e contraditória da modernidade faz com que Berman, ainda segundo Anderson, atribua ao termo desenvolvimento um duplo significado: *de um lado refere-se às gigantescas transformações objetivas da sociedade desencadeadas pelo advento do mercado mundial capitalista: ou seja, essencialmente, mas não de modo exclusivo, desenvolvimento econômico. De outro lado, refere-se às impressionantes transformações subjetivas da vida individual e da personalidade que ocorrem sob seu impacto: tudo o que esta contido na noção de auto desenvolvimento, isto é, uma potencialização dos poderes do homem e uma ampliação da experiência humana.*

Berman ao tomar simbolicamente de empréstimo do *Manifesto Comunista de Marx e Engels,* o título de seu livro, rendendo-lhes uma merecida homenagem, reconhece a importância fundamental da experiência e da análise materialista da história na determinação da modernidade e das possibilidades muitas vezes contraditórias do desenvolvimento. Identificar e analisar os antecedentes dos conceitos e ideias urbanísticas que deram origem a Brasília, nos

remete as mesmas circunstâncias da gênese da modernidade, isto é, a revolução industrial e o quadro econômico, social e político dela decorrente.

Grande parte das ideias e modelos urbanísticos que surgem ao longo do século XIX, alguns deles incorporando conceitos estéticos do urbanismo de inspiração barroca, originam-se na crítica as miseráveis condições de vida a que estava submetida à classe trabalhadora nas cidades, denunciada por autores revolucionários como Marx e Engels, utopistas como Owen, Fourier e Proudhon e culturalistas como Morris e Ruskin. Naturalmente que em diferentes gradações, todos eles contribuem para a formação de um ideário urbanístico, quando arquitetos e urbanistas, em sua maioria, estavam preocupados com as "beaux arts". Do mesmo modo, a remodelação das cidades no século XIX, para adequá-las as novas exigências funcionais e locacionais da expansão capitalista e da necessidade de preservar espaços habitacionais qualificados para as elites, pouco contaram com a participação de arquitetos. (Habermas, 1987)

Por outro lado, é forte o movimento de legitimação do papel da burguesia industrial, encarnada principalmente pelo positivismo de Augusto Comte, pai da "sociologia" científica, e mais tarde por Durkheim e Max Weber. Proclamando a *extensão do método científico das ciências naturais e exatas ao estudo da sociedade (Bottomore, 1988),* Comte submete os fenômenos sociais à previsibilidade das leis naturais, dando origem à "filosofia" positiva, onde a ciência ocupa o lugar da religião. Apesar disso, o pensamento de Comte terá grande influência sobre as concepções tecnocráticas e maquinistas, de racionalidade intrínseca, presentes no urbanismo e nas ciências em geral, a partir do final do século XIX e será elemento básico do discurso modernista, que muitas vezes, contraditoriamente, mesclará o materialismo histórico com o cientificismo positivista.

Procurar entender e explicar as origens e antecedentes de um fato ou fenômeno, naturalmente nos conduz a pesquisa histórica. Seu rigor advertem tanto Hobsbawn quanto Engels, dependerá da existência de fatos e evidências comprováveis. De outra forma estaremos produzindo ficção, ou buscando a confirmação de hipóteses ou teses, extraindo de publicações anteriores, apenas

aquilo que as comprove. Portanto, a busca da verdade, do que é ou não é, sem artifícios sofismáticos, se constitui na condição primeira e fundamental da pesquisa histórica, indispensável para iluminar o entendimento do presente em um tempo em que o consumo substituí cada vez mais a cidadania.

Modernidade e modernismo

Três concepções urbanísticas surgidas exatamente no final do século XIX e inicio do século XX, terão importância fundamental nos princípios modernistas e no projeto de Brasília, embora muitas vezes sem o devido crédito. Carpintero assinala especialmente a influência da cidade linear proposta por Soria y Mata, em 1882, e a ela atribui: "*a base conceitual sobre a qual se assenta toda a estrutura física de Brasília e a qual se apõem os demais esquemas teóricos"* e a cidade jardim de Ebenezer Howard a quem designa ser: *"a principal responsável pelo aspecto visual da cidade de Brasília".* Carpintero mesmo reconhece que: "*Qualquer estudante de arquitetura pode fazer tal afirmação e muitos arquitetos a fazem",* explicitando que a constatação da influência da cidade jardim é lugar comum. As duas concepções já citadas, soma-se a cidade industrial de Tony Garnier, que antecipa em alguns anos, princípios da Carta de Atenas, como a separação das funções urbanas, utilização de tecnologias de ponta e a padronização das formas e elementos construtivos.

As influências dessas proposições serão um marco da produção de todo urbanismo subsequente, embora muitas vezes sua importância seja ignorada ou diminuída por urbanistas que delas se valeram em seus projetos, como por exemplo, Le Corbusier e Lucio Costa. A cidade jardim tem parte significativa de seus princípios, presentes no urbanismo ecológico americano de Clarence Perry, que deu a feição moderna à "*unidade de vizinhança*", e no esquema *"Radburn*" de Clarence Stein, conceitos também estruturadores de Brasília. Seu esquema de expansão urbana, após a saturação da cidade central, originou o planejamento regional das "novas cidades inglesas" e das nossas "cidades satélites".

As cidades linear e industrial se constituíram em importantes pontos de apoio para o projeto das cidades soviéticas pós Primeira Grande Guerra e influenciaram diversos projetos urbanísticos e arquitetônicos de Le Corbusier, como o centro linear-industrial, o Plain Voisin e o mega edifício autoestrada que serpenteava por quilômetros pelas montanhas sinuosas do Rio de Janeiro, fruto de sua viagem ao Brasil em 1929, entre outros, como a já mencionada Carta de Atenas.

Como visto, na diversidade da modernidade, subsistem valores por vezes antagônicos. Objetivos socializantes e emancipadores convivem com outros regressivos e legitimadores do "status quo" (Subirats, 1987). As influências são muitas, ambidestras e cruzadas. Diferentemente do modernismo no Brasil, que iremos tratar adiante, Perry Anderson (ibid), assim define as circunstâncias de surgimento do modernismo europeu: "*O modernismo europeu nos primeiros anos deste século (XX) floresceu assim no espaço situado entre um passado clássico ainda utilizável, um presente técnico ainda indeterminado e um futuro político ainda imprevisível. Dito de outro modo, ele surgiu na intersecção de uma ordem dominante semi-aristocrática, uma economia capitalista semi-industrializada e um movimento operário semi-emergente, ou semi-insurgente".* Este contexto em muito semelhante ao quadro atual de crise da modernidade e da ausência de novos paradigmas, capazes de constituir um horizonte previsível para o homem, torna irresistível uma conhecida afirmação de Gramsci: "*A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer; neste interregno, aparece uma grande variedade de sintomas mórbidos".*

Não tendo se subordinado diretamente aos padrões e processos econômicos, culturais, sociais e geográficos, que quase sempre caracterizam o surgimento das cidades através dos tempos, Brasília foi concebida sob o signo da racionalidade e do progresso técnico, trazendo consigo uma mística do novo e um discurso de ruptura com o passado, característico do urbanismo dos CIAM e em especial da Carta de Atenas. Na verdade, a par de inovações de natureza estética e formal, o que se observa e a assimilação de elementos estruturais presentes em modelos anteriores, cuja influência é diminuída ou não mencionada.

Modelos de organização social, vanguardismo estético, inovações tecnológicas, objetivos socializantes, setorização de funções e segregação dos fluxos de circulação de pedestres e veículos, são elementos que estão presentes em diversas propostas, modelos e realizações urbanísticas que antecedem Brasília, como já anteriormente mencionado. São frutos nascidos em diferentes épocas de uma mesma modernidade, que nos dizeres de Berman, são *uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade.*

Vincular Brasília ao processo histórico da modernidade é fundamental para entendê-la não como uma "invenção" , como se tivesse *nascido pronta*, como nos fala Lucio Costa no Relatório do Plano Piloto. Mas, para através da pesquisa histórica, identificarmos as idéias, conceitos e modelos que influenciaram sua concepção, que estão presentes na cidade e que em grande parte são estranhos ou desconhecidos à vivência de seus habitantes, cujos referenciais urbanos reportam-se quase sempre a concepções tradicionais. Nosso imaginário urbano é decorrência de nossa forma de vida. Esta ao sofrer transformações, poderá estabelecer novo marcos de identidade que referenciados histórica e culturalmente, possibilitem uma leitura cosmopolita da sintaxe e morfologia dos espaços, que contribua decisivamente para a formação de uma cultura e de uma urbanidade brasiliense.

Brasília definida constitucionalmente, como Capital Federal, reúne do ponto de vista político-administrativo todas as cidades do Distrito Federal. Esta "*unidade da desunidade"*, singular e desigual, em seu processo de urbanização, onde o poder público foi e é o principal agente, constitui-se em um verdadeiro laboratório do urbanismo modernista, permitindo a síntese que reúne formulações teóricas "puras", "híbridas" "estereotipadas" e "clandestinas", ao construído e vivenciado. A Brasília real, destituída de sua dimensão mítica, bem mais representativa da realidade nacional, foi assim percebida em duas oportunidades pela sensibilidade e visão crítica de Lucio Costa: "*Brasília é, portanto, uma síntese do Brasil com seus aspectos positivos e negativos, mas é também testemunho de nossa força viva latente".* Continua Lucio Costa: "*Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser. Brasília está*

funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído".

Cidade projetada por arquitetos e urbanistas, em um momento histórico em que o urbanismo modernista era hegemônico no Brasil - vide os vinte e seis projetos participantes do concurso do Plano Piloto – Brasília espelha por força dessa gênese única, de uma racionalidade facilmente compreensível em planta ou maquete, mas nem sempre no plano real, um conjunto de conceitos, expressões e formulações urbanísticas quase que exclusivas. Apenas em Brasília, os habitantes e visitantes convivem com Unidades de Vizinhança, Plano - Piloto, Cidades Satélites, Superquadras, blocos, setores, eixos, pilotis, projeções e mais algumas dezenas de palavras que só aqui fazem parte da linguagem cotidiana. Os endereços sempre que mencionados em outras cidades, provocam interjeições de dúvida ou espanto. Mesmo os que aqui vivem por muitos anos, tem por vezes um entendimento parcial desta nomenclatura, ditado muito mais pela experiência e senso comum, do que pelo sentido que se pretendeu originalmente atribuir.

O uso de uma terminologia calcada em modelos racionalizados, que trazem implicitamente a sugestão de novas sociabilidades, sem que suas origens e significados históricos fiquem claramente evidenciados, restringem a leitura da cidade, em suas dimensões sensorial, simbólica e sócio cultural e prejudicam o referenciamento e a identidade com o meio vivenciado e as diferentes paisagens e escalas. Entende-los e contextualiza-los permitirá uma melhor percepção da dinâmica urbana e pode representar uma nova expectativa de apropriação e de mudança de atitude em relação aquilo que este pronto, e que pode não ser necessariamente bom. O tombamento de Brasília pelos governos local e federal e seu reconhecimento pela UNESCO, como patrimônio da humanidade, por exemplo, só terá maior eficácia e efetividade, na proporção em que a sociedade tenha conhecimento de sua importância, de seus acertos e equívocos e possa colaborar para lhe conferir uma nova feição, capaz de preservar o que é relevante e fundamental e modificar aquilo que se tornou acessório e anacrônico. O passar

dos anos é um importante aliado nesta percepção, inerente às realizações humanas, em especial à arquitetura e ao urbanismo.

As condições históricas e as bases teóricas para a afirmação do modernismo racionalista estão dadas. E o seu principal formulador é Le Corbusier. A partir de seus artigos na revista "l' Espirit Nouveau", é publicado em 1923, seu primeiro livro manifesto: "Por uma Arquitetura", que irá proclamar os princípios modernistas, mais tarde compilados na "Carta de Atenas", em 1933, e que serão definidores dos principais padrões estéticos e funcionais da arquitetura e do urbanismo até os dias de hoje. A polêmica sempre foi o meio de divulgação de suas idéias e pensamentos, muitos deles bombásticos e que marcaram profundamente, o pensamento e as obras de sucessivas gerações de arquitetos e urbanistas. Polêmico, visionário, exegeta, sábio, reacionário, artista: Le Corbusier e suas muitas faces não precisam de interpretes para suas idéias, elas são límpidas como o cristal e às vezes cortantes como o aço. Ninguém melhor que ele próprio para falar do espírito novo do modernismo: "*Três lembretes aos senhores arquitetos: o volume, a superfície, a planta". "A casa é uma máquina de morar". "Se nos colocamos em face do passado, veremos que os "estilos" não existem mais para nós e que um estilo de época foi elaborado; houve revolução". "É uma questão de construção que está na chave do equilíbrio rompido hoje: arquitetura ou revolução". "Os cinco pontos da nova arquitetura: os pilotis, o teto-terraço, a planta livre, a janela longitudinal, a fachada livre". (Le Corbusier, 1977)*

Não é nossa intenção avaliar neste momento, a extensa e controvertida obra de Le Corbusier. As citações enumeradas no parágrafo anterior, já um tanto surradas pelo uso, falam por sí, emolduram seu pensamento. O que mais de perto nos interessa, é a relação do arquiteto com o Brasil. Com o modernismo brasileiro. Sua primeira viagem ao Brasil, em 1929, foi motivada pela informação recebida de seu amigo francês, poeta Blaise Cendrars, de que o governo brasileiro pretendia construir, na região central do país, a nova capital prevista na constituição. Planaltina, uma cidade para hum milhão de habitantes. (Cecília Santos, 1987). Sua passagem foi cercada de calorosa acolhida da elite intelectual. Aqui deixa

estudos, como o Plano para o Rio e o Plano para São Paulo, amigos e correspondentes e encanta a todos com suas idéias futuristas e ufanistas. A revista Movimento Brasileiro, assim registra sua estada, ao publicar um resumo de suas conferências: *"Neste país, a sensibilidade não pode continuar envelhecida e presa a uma tradição pequenina e falsificada, que nada traz de útil ou de proveitoso." E quase num tom profético proclamava: As forças renovadoras, como Le Corbusier, deveriam encontrar entre nós, que somos livres do passado, a máxima floração" (*apud, Cecília Santos).

A semente estava lançada e frutificaria em solo fértil, preparado pelo movimento modernista então em florescimento. A partir de sua segunda viagem ao país, em 1936, por iniciativa e convite de Lúcio Costa, que por determinação do Ministro da Educação Gustavo Capanema, coordenava a equipe responsável pela construção do novo edifício do Ministério, Le Corbusier vem ao Brasil para proferir um conjunto de conferências e, sobretudo atuar como consultor, na obra que significaria o grande marco da arquitetura moderna brasileira e mundial: o edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, hoje conhecido como Palácio Capanema. A trajetória do modernismo no Brasil estaria definitivamente ligada a Le Corbusier, que teria enorme ascendência sobre os arquitetos brasileiros e em especial pelos da "escola carioca", liderados por Lucio Costa, que assim se manifesta sobre a influência do arquiteto franco-suiço, sobre a sua obra: "*É que embora retardatário, pois tomei conhecimento da existência de Le Corbusier somente em 1927, acidentalmente, e só estudei a fundo a sua densa mensagem, escrita e construída, durante os quatro anos de "chômage", depois que larguei a direção da escola – esse encontro, essa revelação me deixou, como que, em estado de graça" (*Costa, 1987*).*

Embora sem ser o precursor, lugar justamente ocupado por Gregori Warchavchick por seu manifesto modernista de 1925 e pelas primeiras obras, ainda no final dos anos 20, Lucio Costa assume a condição de principal apologista do modernismo, ao publicar em 1935, "*Razões da Nova Arquitetura"*, onde desenvolve profunda reflexão sobre os princípios modernistas, e de como a técnica e as inovações tecnológicas repercutirão nas transformações sociais. Seu

livro terá grande influência sobre a prática e o ensino da arquitetura no país e junto com o numero crescente de projetos modernistas, de diferentes autores executados, consolidará o movimento entre nós.

A exemplo do que ocorrera com o manifesto modernista da Semana de Arte Moderna de 1922, os princípios da arquitetura e do urbanismo modernista no Brasil, se espelhavam em seu congênere europeu, cujos representantes mais expressivos eram naturalmente Le Corbusier e os arquitetos da Bauhaus, Walter Gropius e Mies Van Der Rohe. Princípios idênticos para realidades distintas*. "As ideias fora de lugar"* de que nos fala Roberto Schwarz em seu ensaio de mesmo nome. O Brasil era um país de coesão e organização social frágeis, predominantemente agrário, de industrialização ainda incipiente, com elevados níveis de analfabetismo e poucas possibilidades de acesso educacional. Condições históricas bem diversas, daquelas que possibilitaram o surgimento do movimento na Europa, conforme nos relata Perry Anderson (pag. 4).

O signo dual da modernidade faz com que a vanguarda do movimento moderno, não só na arquitetura e no urbanismo, mas também nas artes, poesia e literatura, críticos da utilização de estilos e elementos históricos, sejam os responsáveis pela criação e estruturação do SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e pela valorização do acervo histórico cultural do país, em especial do barroco e sua sinuosidade, cuja influência, por polêmico que pareça, Lucio Costa reconhece em seu projeto e de Oscar Niemeyer, para o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York, em 1938. É importante salientar que esta postura pode ser generalizada para outras circunstâncias, épocas e latitudes. O passado mais remoto obtém um reconhecimento negado ao estilo ou movimento antecessor, quase sempre alvo de críticas severas. O barroco, por exemplo, foi durante muito tempo visto como um estilo menor, abusivo e até feio, por estetas de renome, como por exemplo, Benedetto Croce. Para depois ser reabilitado e ter reconhecida sua beleza e multiplicidade de expressões. O mesmo ocorreu com o classicismo renascentista em relação ao gótico, reconhecido por tratadistas como Alberti, Vasari e Filarete, como um estilo

bárbaro, por ignorar os princípios do classicismo greco-romano, que eles resgataram e que foram predecessores do urbanismo modernista.

Protegido pela sombra generosa e cooptadora do Estado Novo, em busca de valores nacionais ou nacionalizados que o legitimassem e consolidassem uma nova imagem cultural, calcada no aparente paradoxo entre tradição e modernidade, que refletisse mais de perto o Brasil mestiço, caboclo, caipira, fadado ao progresso e ao desenvolvimento, o modernismo se hegemoniza e se afirma como um novo paradigma, em uma época marcada por antagonismos políticos radicais e aventuras totalitárias, que desaguaram na maior catástrofe da história da humanidade: a Segunda Guerra Mundial. Generalizam-se e se estereotipam as construções de edifícios modernos, com as mais diferentes funções e exigências da progressiva complexidade da vida urbana, principalmente por iniciativa do poder público. Novas cidades planejadas, como Goiânia, Londrina e Maringá e inúmeros projetos urbanísticos são implementados pelo país afora, incorporando em graus variados os princípios do urbanismo modernista. O caminho para Brasília estava traçado.



Brasília, Eixo Monumental

Brasília cidade síntese

A trajetória existencial e profissional de Lucio Costa, certamente oferece o referenciamento mais importante a ser considerado. Intelectual de sólida formação humanista e cosmopolita, sua carreira marcada por dois momentos basilares da arquitetura e do urbanismo no Brasil: o edifício do MEC e a concepção de Brasília são um testemunho fundamental da evolução e das contradições e paradoxos da arquitetura e do urbanismo modernos, no século XX. Com seu texto sempre elegante e lírico, romântico, racionalista, às vezes onisciente, Lucio Costa transita do memorialismo poético a questões como o papel da arte e da técnica, a crítica social e o ensino e prática da arquitetura e do urbanismo, com um olho no futuro e outro no passado. Sua obra marcada seja por posturas de vanguarda, seja por sua preocupação em preservar e valorizar nossa herança arquitetônica e artística evidencia seu profundo conhecimento da alma ibérica e brasileira (vide Sergio Buarque de Holanda in Raízes do Brasil). Condena com veemência a pobreza, decorrente em parte da aplicação de vultosos recursos de toda a coletividade, na construção de templos, onde o fausto material criasse a ilusão de antecâmara do paraíso, mas reconhece que: "*toda essa opulência, toda essa riqueza física e material contida nas igrejas antigas, estava sempre – e ainda está – à disposição de qualquer um, ao alcance do povo"*. (Costa, 1986). Lucio Costa é um homem da modernidade.

Conquanto estivesse intimamente ligado ao modernismo do CIAM, não o reconhece explicitamente entre os "*Ingredientes" da composição urbanística de Brasília,* publicados em *Registro de uma Vivência*. Afirma que Brasília é uma "*criação original, nativa, brasileira".* E admite sua filiação intelectual francesa, "*com seus eixos, suas perspectivas, sua ordenance. Inconsciente embora, a lembrança amorosa de Paris esteve sempre presente".* Aponta *os "imensos gramados ingleses, os laws da minha meninice",* como a origem dos gramados e verdes de Brasília. O traço de união com o passado colonial e barroco esta presente na *pureza da distante Diamantina dos anos 20.* Os terraplenos, arrimos e pavilhões, com desenhos de implantação, surgem "*das fabulosas fotografias da*

China de começo de século"(1904). E por fim, como a explicar a técnica rodoviária adotada no Plano Piloto, "*as autoestradas e os belos viadutos padrão de travessia nos arredores da cidade* (" Nova York).

A presença do urbanismo do CIAM e de Le Corbusier são evidentes e marcantes, principalmente na dimensão plástico formal, na ruptura com a quadra tradicional e na segregação de pedestres e veículos, com prioridade para o último. Contudo, como já mencionado (página 3), três concepções urbanísticas tiveram influência fundamental, tanto no urbanismo e arquitetura do CIAM, quanto em Brasília: a cidade jardim, de Howard, a cidade linear, de Soria y Mata e a cidade industrial, de Tony Garnier. Vários conceitos e princípios constantes da listagem extraída do Relatório, ou são comuns as três, ou aparecem em ao menos uma delas. Da mesma forma que os conceitos do urbanismo ecológico de Perry e Stein, foram influenciados pela cidade jardim, influenciam principalmente a concepção das áreas residenciais de Brasília, em especial das superquadras, unidades de vizinhança e os setores de habitação individual e geminada. As formulações se cruzam, se fundem se sintetizam.

Outros antecedentes de caráter mais ancestral, também estão presentes mesmo que de forma diluída ou subjacente. A escala monumental é o seu principal foco de concentração. Como a monumentalidade dos edifícios que materializam os poderes secular e religioso, sempre foram uma característica dos povos no curso da história, para a afirmação do poder e ideologia da classe dirigente, nada de estranho que isto ocorra. Ao se referir a praça dos três poderes, Lucio Costa a vincula "*à arquitetura da mais remota antiguidade"*. Da mesma forma ao mencionar o cruzamento dos dois eixos em angulo reto, faz uma remissão a tradição cristã e a determinação dos quatro pontos cardeais que orientavam a disposição das cidades greco-romanas. As perspectivas do urbanismo barroco, coincidentemente presentes também no urbanismo meso americano pré-colombiano, fazem que o "Mall" de Washington, com o Capitólio ocupando a mesma posição de convergência do Congresso Nacional, e a grande esplanada de Teotihuacán, no México, com seus terraplenos e tendo como ponto de culminância as pirâmides do Sol e da Lua, guardem significativa semelhança

com a esplanada dos ministérios. É inegável a utilização de princípios clássicos, como os pórticos e a repetição rítmica de elementos estruturais, em edifícios como os palácios do Planalto, Itamarati e do Supremo Tribunal Federal.



Teotihuacán, México

Lewis Mumford e Jacques Le Goff registram que as paróquias medievais eram os elementos estruturadores da vizinhança, na medida em que a religião era onipresente e determinante de toda vida social e comunitária e que toda vez que uma paróquia, atingia uma determinada população, outra imediatamente subsequente era criada. A interligação das paróquias de Nossa Senhora do Pilar e Conceição de Antônio Dias, em Ouro Preto, foram definidoras de sua feição urbana da forma como hoje a vemos. Certamente não é gratuita a presença de um templo em cada unidade de vizinhança.

Todas essas influências e antecedentes são fundamentais para elaborar a síntese que torna Brasília singular e única, que procura sua identidade através da diversidade de suas três dimensões: cidade real, cidade monumento, cidade capital. A medida do transcorrer mágico do tempo, que pode conferir

urbanidade ou anacronismo, algumas concepções se consolidam, assumem grandeza e reconhecimento estético e social. Por outro lado, outras se esvaem e perdem significado. A modernidade de Brasília, não é ser moderna, no sentido de novo que usualmente se emprega, é ser diversa em uma aparente unidade, é se apoderar de sua consciência e trajetória histórica. É de refletir uma síntese das ideias urbanísticas da renascença até a contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA

- **Althusser, L, Sobre o Trabalho Teórico, Ed. Presença, 1978.**
- **Anderson, Perry, Modernidade e Revolução, in New Left Review, nº 144, 1984**
- **Artigas, Vilanova, Caminhos da Arquitetura, Ed. Ciências Humanas, 1981.**
- **Aymonino, C , Origenes Y Desarrollo de La Ciudad Moderna, Ed. Gustavo Gili,1971.**
- **Barcellos, Vicente, Unidade de Vizinhança: Notas Sobre Sua Origem, Desenvolvimento e Introdução no Brasil, in Cadernos Eletrônicos da Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo.**
- **Benevolo, Leonardo , Origenes de La Urbanistica Moderna, Ed. Tecke, 1967.**
- **----------, Historia de La Arquitectura Moderna, Ed. Gustavo Gili, 1974.**
- **----------, Historia da Cidade, Ed. Perspectiva, 2000.**
- **----------, Introdução à Arquitetura, Ed. 70,1987.**
- **----------, O Último Capítulo da Arquitetura Moderna,1985**
- **Benjamin, Walter, A Modernidade e os Modernos, Ed. Tempo Brasileiro, 1975.**
- **Berman, Marshall , Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar, Ed. Cia das Letras, 1986**
- **Bottomore, Tom , Dicionário do Pensamento Marxista, Ed. Jorge Zahar, 1988**
- **Braga, Andréa e Falcão, Fernando – Guia de Urbanismo Arquitetura e Arte de Brasília, Fundação Athos Bulcão, 1997.**
- **Bursztyn, Marcel e Araújo, Carlos, Da Utopia à Exclusão, Ed. Garamont,1997**
- **Carpintero, Antonio Carlos, Brasília: Prática e Teoria Urbanística no Brasil, 1956-1998, USP, 1998**
- **Chauí, Marilena , O Que é Ideologia, Ed. Brasiliense, 1988**
- **Choay, Françoise , O Urbanismo, Ed. Perspectiva, 1979**
- **Cornell, Elias , A Arquitetura da Relação Cidade Campo, Ed. Alva, 1998.**
- **Costa, Lúcio , Relatório do Plano Piloto, GDF,1991.**
- **----------, Registro de Uma Vivência, Ed. Unb , 1995.**
- **Costa, Maria Elisa, Org., Com a Palavra, Lucio Costa, Ed. Aeroplano, 2000.**
- **Curtis, William , Le Corbusier Ideas y Formas, Ed. Hermann Blume,1987.**
- **Eco, Umberto , Como Se Faz Uma Tese, Ed. Perspectiva,1983.**

- **Delson, Roberta , Novas Vilas Para o Brasil-Colônia, Ed.Alva, 1997.**
- **Engels, Friedrich, El Problema de la Vivienda, Ed. Gustavo Gili, 1973.**
- **Farret, Ricardo , Org.- O Espaço da Cidade, Ed. Projeto, 1985.**
- **Foucault, Michel , Microfísica do Poder, Ed. Graal, 1988**
- **Gorovitz, Mateus , Brasília Uma Questão de Escala, Ed.Projeto, 1985.**
- **Gouvêa, Luiz Alberto , Brasília: A Capital do Controle e da Segregação Social, Ed.Annablume, 1995.**
- **Graeff, Edgar , Cidade Utopia, Ed. Vega/EDUSP,1979.**
- **Gueiros, Rosario Farani , Dicionário de Etimologias da Língua Portuguesa.**
- **Guimaraens, Cêça , Lucio Costa, Ed, Relume Dumará, 1996.**
- **Habermas, Juergen, Arquitetura moderna e pós-moderna, in Novos Estudos CEBRAP, nº 18, 1987.**
- **Hall, Peter , Cidades do Amanhã, Ed. Perspectiva, 2000.**
- **Hobsbawm, Eric, Era dos Extremos, Ed. Cia das Letras, 1995**
- **----------, Sobre História, Ed. Cia das Letras, 1998**
- **Holanda, Aurélio , Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Ed. Nova Fronteira,1985**
- **Holston, James , A Cidade Modernista, Ed. Cia das Letras,1993.**
- **Jacobs, Jane , Morte e Vida de Grandes Cidades, Ed. Martins Fontes, 2000.**
- **Koch, Wilfried , Dicionário dos Estilos Arquitetônicos, Ed. Martins Fontes, 1998.**
- **Le Corbusier , Planejamento Urbano, Ed. Perspectiva, 1984.**
- **---------- A Carta de Atenas, Mimeo, 1977.**
- **---------- - Por Uma Arquitetura, Ed. Perspectiva, 1977.**
- **---------- - Os Três Estabelecimentos Humanos, 1979.**
- **Le Goff, Jacques , O Apogeu da Cidade Medieval, Ed. Martins Fontes, 1992.**
- **Löwy, Michel , As Aventuras de Karl Marx Contra o Barão de Munchausen, Ed. Busca Vida, 1986.**
- **Marcuse, Herbert , A Ideologia da Sociedade Industrial, Ed.Zahar, 1982**
- **---------- , Razão e Revolução, Ed. Paz e Terra, 1978.**
- **Marx, Karl e Engels, Friedrich, O Manifesto Comunista, Ed. Paz e Terra, 2000.**
- **Marx, Karl, Para a Crítica da Economia Política, Ed. Abril, 1978.**
- **Mora, Ferrater , Dicionário de Filosofia, Ed. Dom Quixote, 1982.**
- **Morris, A.E.J , Historia de la Forma Urbana, Ed. Gustavo Gili,1992.**

- **Morus, Tomás , A Utopia, Ed. L&PM, 1997.**
- **Mumford, Lewis , A Cidade na História, Ed. Martins Fontes, 1998.**
- **Paviani, Aldo , Org., Brasília em Questão, Ed. Projeto, 1985.**
- **---------- , Org., Brasília: Moradia e Exclusão, Ed. Unb, 1996.**
- **---------- , Org., Urbanização e Metropolização, Ed. Unb, 1987.**
- **Pessôa, José , Org., Lucio Costa: Documentos de Trabalho, Ed.IPHAN, 1998.**
- **Pevsner, Nicolau e Outros, Dictionary of Architecture and Landscape Architeture, Ed. Penguin,1999.**
- **Reis, Nestor Goulart , Urbanização e Teoria, Mimeo, 1967.**
- **Reis, Nestor Goulart , Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial, Ed. EDUSP, 2000.**
- **Santos, Cecília e Outros, Le Corbusier e o Brasil, Ed. Projeto, 1988.**
- **Sennet, Richard , O Declínio do Homem Público, Ed. Cia das Letras,1988.**
- **Schwarz, Roberto, Ao Vencedor as Batatas, Ed.34, 2000.**
- **Sica, Paolo , Historia del Urbanismo. El Siglo XVIII, Ed. Instituto de Estudios de Administración Local, 1982.**
- **Silva, Janice Theodoro , São Paulo 1554-1880, Ed. Moderna, 1984.**
- **Sousa, Nair Bicalho , Construtores de Brasília, Ed. Vozes, 1983.**
- **Subirats, Eduardo , A Flor e o Cristal, Ed. Nobel, 1988.**
- **---------- - Da Vanguarda ao Pós-Moderno, Ed. Nobel, 1986**
- **Summerson, John , A Linguagem Clássica da Arquitetura, Ed. Martins Fontes,1999.**
- **Velho, Otávio Guilherme, Org.- O Fenômeno Urbano, Ed. Zahar, 1979.**

.